



O uso das entrevistas nos estudos migratórios: um debate epistemológico e prático

The use of interviews in migration studies: an epistemological and practical debate

Gisele Maria Ribeiro de Almeida e Lidiane Maciel

Resumo

As entrevistas têm sido bastante utilizadas como ferramenta de pesquisa nas Ciências Sociais em geral, e nos estudos migratórios em particular. Há reflexões importantes em torno de seus limites e potencialidades para a pesquisa científica, assim como trabalhos que se voltam a pensar a própria situação da entrevista, de forma a problematizar e orientar o comportamento do cientista social na sua condução. Neste artigo, o objetivo é analisar especificamente o uso da entrevista no âmbito dos estudos migratórios, refletindo criticamente sobre esta ferramenta metodológica. De um lado, as entrevistas nos permitem acessar as perspectivas do próprio agente social sobre seu projeto e sua experiência migratória, mas, de outro, implicam em questões epistemológicas e práticas metodológicas que envolvem a sua eleição, passando pela elaboração do roteiro, da definição do tipo e da composição da amostra, do enfrentamento dos aspectos éticos do fazer ciência e das formas de análise do material.

Palabras clave: Migração; metodologia de pesquisa; entrevista; análise de dados.

Abstract

Interviews have been widely used as a research tool in the social sciences in general, and in migration studies in particular. There are important reflections on their limitations and potential for scientific research, as well as works that focus on the very nature of the interview, in order to problematize and guide or conduct social scientist's behavior. This article aims to specifically analyze the use of interviews within migration studies, critically reflecting on this methodological tool. On the one hand, interviews allow us to access the social agent's own perspectives on their project and their migratory experience, but, on the other hand, they imply epistemological and methodological practical issues involving their selection, from the elaboration of the script, the definition of the type and composition of the sample, the confrontation of the ethical aspects of doing science and the forms of analysis of the material.

Keywords: Migration; research methodology; interview; data analysis.

1. Introdução

Este artigo tem como tema o uso prático da entrevista, apostando em suas valiosas potencialidades para a produção de conhecimento sobre a mobilidade humana (Maciel y Almeida, 2018), mas sem perder de vista os desafios que precisam ser enfrentados para que esta técnica de produção de dados, seja capaz de fomentar e validar novas interpretações sobre o fenômeno, colaborando com o desenvolvimento de conceitos fundamentados.

Ainda que a “história” narrada pelo/a entrevistado/a possa ser uma criação, para fazer referência a crítica apresentada por Bourdieu (1996), argumenta-se que a entrevista é um instrumento privilegiado de acesso a essas “invenções” (Geertz, 1978), representações e práticas sociais desencadeadas pelo projeto e processo migratório.

Dessa forma, para não deixar as questões de método confinadas aos metodólogos (Becker, 1993), objetiva-se neste artigo compartilhar com demais pesquisadores, reflexões teóricas sobre o uso da entrevista, assim como sobre os aspectos epistemológicos, metodológicos e empíricos que cercam a condução e a análise das entrevistas para fins de pesquisa científica com a temática da mobilidade/migração. Para tanto, considera-se que o material obtido pela entrevista não pode ser apreendido de forma desconectada de sua produção, o que envolve tanto o instrumental da pesquisa –o roteiro utilizado ou as intervenções do/a pesquisador/a– como a situação da entrevista, tendo em vista a relação que se estabelece entre o/a entrevistador/a e o/a entrevistado/a (Barbot, 2015).

Além desse aspecto, o desafio também passa a ser como encontrar formas de análise do material produzido por meio das entrevistas. Isso porque os registros, para atender os preceitos normativos e científicos, precisam passar pelo filtro de referenciais teóricos e metodológicos capazes de “desnaturalizar” ou reconstruir as narrativas, contextualizando-as e/ou desconstruindo-as criticamente.

Assim, a partir das reflexões acima, o texto está organizado de forma a apresentar, primeiramente, a perspectiva epistemológica que valoriza o uso da entrevista nas Ciências Sociais, explorando o debate em torno da produção e do registro oral de depoimentos pessoais (Bourdieu, 1993; Beaud, 1996; Poupard, 2010; Blanchet, 2015). Em segundo lugar, salienta-se a dimensão metodológica e prática da entrevista, e neste sentido discute-se a questão da opção pela entrevista aberta e semiestruturada, bem como a elaboração do roteiro e os aspectos relacionados à utilização de amostras não probabilísticas que, via de regra, são usadas pelas pesquisas qualitativas (Foody, 1996; Manzini, 2004). A forma de seleção e os critérios de composição da amostra são aspectos relevantes na amostragem sugerida (Pires, 2010), e ainda há os aspectos éticos da pesquisa “com” migrantes. Neste caso, trata-se das negociações usuais das Ciências Sociais que, no Brasil, estão sendo atravessadas por normatizações burocráticas formuladas em um contexto de “imperialismo disciplinar”, isto é, instituir os parâmetros éticos das pesquisas realizadas na área da saúde como forma homogênea para outros campos do saber, definindo uma normatividade ética que afeta, podendo até inviabilizar, a produção de conhecimento no âmbito das humanidades (Oliveira, 2004).

Por último, volta-se a atenção para os possíveis caminhos analíticos dos relatos produzidos pelas pesquisas. Nos estudos de Ciências Sociais e, especialmente, naqueles relacionados ao tema da migração, as estratégias têm sido fundamentadas por pelo menos quatro abordagens: (1) análise de conteúdo (Bardin, 1977); (2) análise compreensiva (Bourdieu, 1993); (3) análise reconstrutiva (Demazière e Dubar, 2007); e (4) análise por campo temático (Rosenthal, 2014). Seguindo essas possibilidades, a apresentação das informações da entrevista ainda está sujeita a *fala/ao olhar* do/a próprio/a pesquisador/a, que, geralmente, se utiliza de estratégias narrativas autocentradas para contar ao/à leitor/a aquilo que ouviu dos/as entrevistados/as.

Conclui-se essa reflexão argumentando sobre as potencialidades do uso das entrevistas nos estudos migratórios, na medida em que, por meio delas, são acessadas as experiências e a cotidianidade dos agentes sociais, os seus processos de inserção na sociedade de destino, bem como a relação com a origem, com os planos de retorno, as microrresistências frente às estruturas de dominação, além de tantos outros aspectos que se referem aos contextos de mobilidade.

2. A perspectiva epistemológica das entrevistas com migrantes

As entrevistas constituem-se em conversações sobre um assunto determinado ou um leque de tópicos que permitem gerar compreensões aprofundadas sobre as biografias, os valores, as experiências, as opiniões e as atitudes das pessoas. No entanto, tomar tais compreensões como objeto de interesse e análise significa considerar que estes sentidos, produzidos por agentes sociais, têm alguma relevância epistêmica, o que nos leva aos conflitos entre as perspectivas quantitativas e objetivistas¹ e as perspectivas qualitativas e subjetivistas² que mencionamos no início desta seção.

No âmbito dos estudos sobre migração, a preferência de alguns autores (Menezes, 2002; Maciel, 2018; Almeida, 2021) pela pesquisa qualitativa, tendo em vista o acesso ao sentido da ação dos migrantes, não se opõe ao desenvolvimento dos estudos quantitativos.

Segundo Kapp (2020), as “entrevistas com migrantes podem esclarecer como processos macrosociais e macroespaciais se manifestam concretamente em diferentes contextos, que formas de resistência surgem ali e o que as alimenta ou desmantela” (p. 6).

Do ponto de vista epistêmico, há que se considerar, portanto, que o uso das entrevistas está ligado a uma valorização das representações e dos saberes subjetivos. Neste sentido, os efeitos das hierarquias instituídas entre os objetos e os métodos de pesquisa, pensando ao menos nas Ciências Sociais, não podem ser desconsiderados. No caso da sociologia americana, especialmente a da Escola de Chicago, a pesquisa empírica sempre foi valorizada, e há inclusive o estudo clássico de William I. Thomas e Florian Znaniecki (1974) sobre imigração polonesa nos Estados Unidos que recorreu ao uso de entrevistas e cartas a fim de traçar a história de vida dos migrantes.

No entanto, como aponta Beaud (1996), na história da sociologia francesa, a pesquisa de campo ocupava um lugar inferiorizado. A hierarquização faz parte do desenvolvimento dos campos disciplinares, e suas estratificações organizaram, no argumento do autor –talvez ainda organizem–, a produção científica em sociologia em polos antagônicos, tanto no que diz respeito ao tipo de pesquisa quanto ao perfil de quem pesquisa: de um lado, teóricos/pesquisadores e, de outro, os “empíricos”; em uma ponta, os homens, sociólogos de origem burguesa, no outro extremo as mulheres, ou homens, mas sobretudo sociólogos de origem popular.³

Ao mesmo tempo em que é possível encontrar esse relativo “desprezo” pela realização da pesquisa de campo, incluindo a utilização da entrevista, também há que se considerar as críticas à sua cientificidade. Sendo uma conversação que se estabelece entre pessoas, a ausência de regras estabelecidas, sobre como conduzir estas entrevistas, afeta também seu estatuto científico (Blanchet, 2015). Em grande medida, estas críticas – que para Blanchet (2015) seguem ligadas às hierarquias de objetos e métodos – anunciam a existência de biases/vieses excessivos pela falta de padronização e replicabilidade, mas sobretudo o que se questiona é o estatuto de legitimidade do conhecimento produzido pelos agentes sociais, de suas narrativas, seus saberes e suas

¹ Para a perspectiva epistemológica objetivista, as percepções que os indivíduos possuem são identificadas por ser um “senso comum”, que, para esta linha de orientação, significa um saber “inferior” em comparação ao saber científico. No caso da Sociologia durkheimiana, o conhecimento é produzido exatamente quando há uma superação destas “preconcepções”, a partir do distanciamento entre o/a pesquisador/a e seu objeto de estudo (Durkheim, 1995).

² Perspectivas como, por exemplo, a Sociologia Fenomenológica, almejam exatamente estes saberes, a “realidade” e o “conhecimento” do “homem da rua” (Berger e Luckmann, 2003; Schutz, 1979). A Sociologia Fenomenológica e outras de cunho subjetivista (Bertaux, 2013) interessam-se, portanto, pelo ponto de vista do indivíduo que vive e age dentro de um contexto social.

³ Em um texto publicado em 1966, Edgar Morin compara os usos da entrevista pelas Ciências Sociais e pela mídia (rádio e televisão). Em dado momento, o autor coloca como um problema a necessidade do entrevistador em Ciências Sociais ser alguém “moralmente e intelectualmente superior” (Morin, 1966, p. 64), tendo em vista o fato de que naquele momento as atividades práticas de pesquisa, como a condução de entrevista, eram consideradas uma tarefa “para mulheres desempregadas ou em dificuldades, um passo para futuros pesquisadores” (Morin, 1966, p. 64). Nesta passagem, o autor explicita como era comum que os “pesquisadores” preferissem se eximir das tarefas implicadas na pesquisa de campo.

perspectivas. Para efeitos de ilustração, podemos citar, por exemplo, no caso de pesquisas sobre migração e trabalho, seria algo como nos perguntarmos sobre o que poderia um migrante laboral saber, quanto aos condicionantes macroestruturais, como os desequilíbrios entre os mercados de trabalho na origem e no destino para poder explicar seu próprio deslocamento? Nesta perspectiva, o olhar do migrante, sua leitura sobre a realidade tende a ser vista como equivocada, uma construção ilusória ou, na melhor das hipóteses, parcial.

Entretanto, com reflexões mais recentes que vêm exatamente questionando a Ciência Moderna e seus ditames, temos acesso a perspectivas que problematizam a hierarquia entre os saberes, isto é, que discutem a objetividade propagada por uma ciência que nasceu e foi feita sobretudo por homens, brancos e europeus, sendo responsável por uma série de epistemicídios (Grosfoguel, 2013).⁴

No âmbito dos estudos migratórios, temos a contribuição pioneira de Abdelmalek Sayad, que, ao combinar sua experiência pessoal, marginal e colonial em relação à França, com uma postura científica extremamente crítica e acurada, conseguiu romper com o etnocentrismo ao analisar a imigração argelina na França (Bourdieu, 1998).

Sayad nos deixou como herança, a recusa em se apreender a imigração de forma parcial, ignorando a emigração, suas causas e consequências, sua natureza de fato social total (Sayad, 1998). O autor também foi precursor em vocalizar as representações, as experiências e os saberes dos migrantes e incorporá-los em uma sofisticada análise do fenômeno migratório: “ao dar voz aos que dela são despossuídos, o sociólogo se tornasse ‘escrivão público’, descrevendo seu exílio, ‘elghorba’, sem jamais constituir-se como porta-voz, sem jamais se valer da palavra dada, conseguindo ser fraterno sem confraternizar” (Salles e Araújo, 1999, p. 224).

Ao trabalhar com a abordagem biográfica no âmbito dos estudos migratórios, Lechner (2009) insiste na legitimidade e na potencialidade de os/as migrantes falarem sobre si e sobre suas experiências no encontro dialógico que se estabelece entre o/a migrante e o/a migrantólogo/a, sobretudo porque geralmente a “experiência de mobilidade e de transição (...) corresponde a uma ruptura biográfica e a um trabalho de reconstrução das identidades” (Lechner, 2009, p. 48).

Nolasco (2015) segue estas pistas e também justifica a relevância epistêmica da história pessoal e da visão do/a próprio/a migrante em razão dos significativos efeitos que a partida do local de origem, a trajetória do deslocamento, a experiência da chegada e o desafio da inserção no destino, ou nos espaços de trânsito, trazem àqueles/as que migram, impactando suas identidades e suas biografias e afetando inclusive o próprio projeto inicial de mobilidade. Assim, o autor argumenta que o fenômeno migratório seria um objeto privilegiado para a consideração das subjetividades daqueles/as que se deslocam.

Mesmo reconhecendo a importância dos efeitos das estruturas “macro” sobre as possibilidades de agência dos/as migrantes, parece-nos importante reconhecer o valor epistêmico e heurístico que os testemunhos pessoais possuem, inclusive porque isso significa reconhecer os saberes não científicos e travar uma relação dialógica com este “objeto” de pesquisa, constituído necessariamente por homens ou mulheres, e que por isso carrega consigo uma pluralidade de perspectivas, posições sociais, pertencimentos étnicos e raciais, memórias e projetos.

Conferir atenção aos saberes que as pessoas possuem sobre si e sobre o mundo a sua volta não significa compartilhar da visão de que estes saberes são necessariamente “verdadeiros” e, muito menos, não implica em desconsiderar as relações de poder nas quais estes saberes nascem, estruturam-se e são comunicados.

Para o/a pesquisador/a do tema das migrações, os eventos biográficos nem sempre são de fácil apreensão através da entrevista, pois muitas vezes, as narrativas não seguem uma linearidade progressiva, de forma a conferir um sentido lógico a todos os acontecimentos narrados por um entrevistado/a. Uma biografia conta uma história de vida mais ou menos estruturada, em

⁴ Grosfoguel (2013) denomina como epistemicídio um processo de destruição de conhecimento que produziu o privilégio epistêmico do homem ocidental, como representação da autoridade da produção de conhecimento, de um lado, e a inferioridade do resto da humanidade, de outro.

torno de uma sucessão temporal de eventos, de situações, de projetos e ações. Soma-se a isso a produção de uma narrativa biográfica como um desafio também identitário, visto que é necessário colocar questões sobre si mesmo (Maciel, 2018). No entanto, os percursos traçam linhas que fazem um “zigzague” no espaço social e histórico, com idas e vindas e, conforme apontado por Bourdieu (1998), os agentes sociais sofrem influências da condição de subordinação e dominação construída no campo social, estruturado por diferentes capitais e relações de poder. E, ainda, quando uma entrevista biográfica ocorre, essa se realiza na interação entre pesquisador/a e pesquisado/a, apresentando características de coprodução, o que também interfere na produção daquilo que se é lembrado e esquecido.

3. O uso da entrevista nos estudos migratórios

Magalhães e Santhiago (2015) apresentam um levantamento bibliométrico sobre o uso da entrevista em pesquisas sobre migração no Brasil. Ainda que os autores estejam mais interessados nos usos da “história oral”, esse trabalho traz alguns elementos pertinentes à nossa reflexão, inclusive porque incluíram em seu *corpus* de pesquisa bases bibliográficas que não se voltam exclusivamente à História.⁵ Foram encontrados mais de 5 mil trabalhos com a temática da migração internacional. Considerando este conjunto maior, chegaram a um subconjunto de 777 textos completos e/ou resumos, e a partir daí a aplicação do recorte quanto ao uso da “entrevista” como fonte de pesquisa os levou ao resultado de 207 trabalhos.

Do ponto de vista analítico, Magalhães e Santhiago (2015) encontraram dois grandes grupos de trabalhos, sendo um explicitamente relacionado à abordagem da História Oral e outro grupo que não apresentou maiores detalhamentos metodológicos, pois apenas faziam referência ao uso da entrevista semiestruturada ou entrevista de grupo.

No caso dos trabalhos voltados às migrações internacionais no Brasil após 1980, podemos citar o uso das entrevistas por Sales (1999) e Assis (1999) em um primeiro momento. Mas a partir dos anos 2000, acompanhando a produção dos eventos científicos da área e revistas específicas, é possível afirmar que a quantidade de trabalhos sobre o tema da migração internacional no Brasil que usam entrevistas cresceu significativamente, porque este período está marcado por um crescimento dos deslocamentos humanos, do ponto de vista externo ao campo científico, e por uma maior acolhida do tema no âmbito das diferentes disciplinas no país.

Quando se trata dos estudos vinculados à migração interna brasileira, o estudo de Magalhães (2019) aponta que a maior parte das reflexões, nos últimos anos, está sediada na área de demografia e história. Ambas as áreas temáticas pouco utilizam entrevistas, produzindo suas reflexões tendo em mãos outras técnicas de pesquisa. A autora atesta que são predominantes estudos sobre o processo das migrações no eixo Nordeste-Sudeste.

O trabalho de Eunice Durham, *A caminho da Cidade*, de 1973, foi pioneiro no uso de entrevistas para compreender as percepções dos migrantes moradores de áreas periféricas de São Paulo. Um pouco depois, outras sociólogas seguiram os passos de Durham. Na sociologia e antropologia, destacam-se, por exemplo, os trabalhos de Menezes (2002), vinculados aos camponeses migrantes do corte de cana-de-açúcar na Paraíba, e de Silva (1999), que também estuda trabalhadores rurais migrantes para o interior de São Paulo. Ambas as autoras se dedicaram aos estudos com migrantes com o objetivo de capturar suas representações sobre o projeto e o processo de deslocamento.

Vale salientar que Garcia Jr. (1989) também apresentou em seu estudo, realizado ainda no final da década de 1970 e início de 1980, relatos de entrevistas com migrantes paraibanos que procuravam o “Sul” –Rio de Janeiro e São Paulo– como forma de conquistarem recursos econômicos para a compra de propriedade na origem migratória. O autor dialoga com o grupo de

⁵ Os autores fizeram este mapeamento da produção bibliográfica brasileira definindo dois períodos distintos. Primeiramente, estudos anteriores à década de 1980 voltados à imigração no Brasil e, em segundo lugar, trabalhos após a década de 1980, que combinam a emigração de brasileiros que se destinavam a outros países e também de novas nacionalidades que passavam a compor o panorama da presença imigrantes no Brasil. Para mais detalhes quanto aos critérios metodológicos, consultar o texto original (Magalhães e Santhiago, 2015, p. 482-484).

estudos de Pierre Bourdieu na França, cujo interesse por essa perspectiva metodológica já se fazia presente nos anos 1980.

Dessa forma, verifica-se que na produção sobre as migrações internacionais e internas, a produção científica sobre a temática da migração tem oferecido inúmeras pesquisas que mostram a preocupação com o sentido da ação dos migrantes, suas identidades e suas subjetividades durante as experiências de deslocamentos.

Essas pesquisas com migrantes são conduzidas, geralmente, pela busca de informações qualitativas, justificando assim a escolha por entrevistas abertas ou semiestruturadas. As perguntas abertas e o desrespeito a uma sequência rígida dos pontos, no caso do uso de roteiros, estão comumente relacionados aos anseios de se recuperar a complexidade dos fenômenos e a multiplicidade das perspectivas dos/as próprios/as agentes sociais, sempre se adaptando às relações situacionais de cada entrevista e do/a entrevistado/a. Nestes casos, o objetivo geral da pesquisa e o uso de entrevistas mais flexíveis estão relacionados ao interesse de compreender o sentido da ação social (Weber, 1991), de acessar as formas por meio das quais os agentes sociais constroem suas trajetórias e vivenciam suas experiências durante suas jornadas migratórias (Knowles, 2017).

4. A dimensão metodológica e prática da entrevista com migrantes

Segundo Fernandes (1997), o desafio do método nas Ciências Sociais está na qualificação, anterior e abstrata, do objeto de estudo. Desta maneira, “a seleção e modo de levantar os fatos brutos e o estado em que os fenômenos são considerados na manipulação analítica desses fatos dependem, fundamentalmente, do sistema de referência escolhido pelo investigador” (Fernandes, 1997, p. 54). Assumindo esta postura, é fato que a decisão pelo uso de entrevistas está vinculada, evidentemente, com os propósitos da pesquisa, com os objetivos expostos durante a elaboração do projeto e com a postura epistemológica do pesquisador sobre a reconstrução da realidade social.

Assim, a conquista do objeto de pesquisa (Bourdieu, Chamboredon e Passeron, 1999) e a decisão metodológica pelo uso das entrevistas implicam na escolha do modelo de instrumento a ser aplicado aos/às migrantes, o que deverá variar conforme os objetivos da investigação. Uma vez que se elabore o roteiro que será utilizado na condução das entrevistas, podemos destacar quatro momentos: a forma de amostragem; os testes do roteiro elaborado; a submissão ao comitê de ética da instituição responsável pela pesquisa; e a condução da entrevista.

A amostragem⁶ ou seleção dos participantes da pesquisa dependerá da abordagem da pesquisa. Em pesquisas qualitativas, a técnica de “bola de neve” tem sido a mais comum, particularmente quando a população alvo da pesquisa está dispersa e não pode ser identificada em sua totalidade. Verifica-se que nas pesquisas com migrantes, a seleção é feita por meio dessa técnica, construindo assim uma cadeia de referências e indicações.

Neste caso, a rede dos/as entrevistados/as importa para a/o pesquisador/a porque a “indicação” das pessoas é o principal caminho para identificar, localizar e acessar agentes sociais adequados ao corpus definido pela pesquisa, isto é, os/as entrevistados/as em potencial. Uma segunda forma de seleção possível é feita pela “amostragem intencional por conveniência”, determinada exclusivamente pelo julgamento do pesquisador, que considerará os agentes abordados como representativos do processo a ser investigado (Barbetta, 2004).

Em ambos os casos, normalmente, o número de entrevistados/as não é pré-estabelecido de imediato, no entanto, o nível de saturação das respostas, indicado pela repetição do conteúdo da história narrada, pode orientar o momento de parar (Vinuto, 2014).

Em 2020, iniciativas interessantes se apresentaram no contexto da pandemia. Fernandes e Baeninger (2020), ao explicitar as estratégias metodológicas adotadas na coordenação do

⁶ Na perspectiva quantitativa, a própria condição do fenômeno migratório impõe ao pesquisador dificuldades à elaboração de amostra probabilística, pois o universo é de difícil exatidão e, o/a migratólogo/a é forçado/a a trabalhar com estatísticas de diversas bases de dados, as quais muitas vezes representam apenas a possibilidade da incidência do fenômeno.

estudo “Impactos da pandemia de Covid-19 nas migrações internacionais no Brasil”, apontam os ganhos do uso do conceito de ator-rede, de Bruno Latour, na seleção dos participantes da pesquisa e condução das entrevistas. Nesse sentido, os autores citam a possibilidade aberta de estudos ao trabalharem com “migrantes-mediadores” (Demétrio et al., 2020, p. 12).

Outra etapa importante da pesquisa de campo com o migrante é o teste do instrumento. Em certas situações e considerando sua formulação, os roteiros podem-se afastar aqueles/as que constituem o alvo da pesquisa. A percepção do tempo é algo importante a ser observado na relação estabelecida entre o/a pesquisador/a e o entrevistado/a, tendo em vista que, nas pesquisas de cunho qualitativo que usam roteiros semiestruturados, as questões devem ser encadeadas conforme as respostas. Questões linguísticas também são desafiantes, pois nem sempre o/a pesquisador/a e os/as entrevistados/as dominam o mesmo idioma (particularmente, no caso das migrações internacionais) ou o mesmo léxico. E para que a relação dialógica possa emergir no encontro entre pesquisador/a e entrevistado/a, eles precisam minimamente se compreender.

No entanto, além da composição do roteiro, a definição, mesmo que parcial, da amostragem e o teste do instrumento ainda se fazem necessários para que a pesquisa esteja de acordo com os preceitos éticos.

Como apontam Guerriero e Minayo (2013), a reflexão sobre a ética e sua regulamentação em pesquisas é uma discussão política e, portanto, inesgotável. No Brasil, a origem de uma normatização se deu com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CSN), nº 196 de 1996.⁷ Ainda que haja um consenso acerca da necessidade de adoção de parâmetros reguladores, capazes de salvaguardar os direitos e a segurança de seres humanos envolvidos em pesquisas científicas, a coordenação do CSN e o domínio do caráter científico das ciências naturais acabaram por consolidar uma perspectiva própria das ciências biomédicas sobre as exigências éticas para todas pesquisas que envolvem seres humanos.

Graças às controvérsias suscitadas e aos embates travados por pesquisadoras e pesquisadores das áreas de Ciências Humanas e Sociais (Duarte, 2004, 2015), houve relativos avanços no reconhecimento das especificidades éticas e normativas destas áreas do saber (Alves e Teixeira, 2020), que culminaram na Resolução CNS, nº 510, de 2016 que:

dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana. (Conselho Nacional de Saúde, 2016, art. 1º).

Do ponto de vista prático, estes debates exigiram a criação e funcionamento de órgãos, dentro das universidades e associações que passaram a discutir a formação de um Comitê de Ética em Ciências Sociais,⁸ vinculado ao Sistema Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) e à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) disponíveis na Plataforma Brasil.⁹

Por exemplo, um dos documentos que emerge deste anseio por salvaguardar os/as participantes de uma pesquisa é o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). De acordo com a Resolução de 2016, o “consentimento livre e esclarecido: anuência do participante da pesquisa ou de seu representante legal, livre de simulação, fraude, erro ou intimidação, após esclarecimento sobre a natureza da pesquisa, sua justificativa, seus objetivos, métodos, potenciais benefícios e riscos” (Conselho Nacional de saúde, 2016, art. 2º, Inc. 5). Abaixo reproduzimos um

⁷ A resolução aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos e pode ser acessada no endereço eletrônico: https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/reso_96.htm

⁸ Destacamos o caso da Universidade Estadual de Campinas, instituído em 2016.

⁹ A referida plataforma sedia os registros de pesquisas envolvendo seres humanos para todo o sistema CEP/Conep, permitindo que as pesquisas sejam acompanhadas em seus diferentes estágios - desde sua submissão até a aprovação final pelo CEP e pela Conep. É um sistema nacional e unificado e pode ser acessado no endereço: <https://conselho.saude.gov.br/plataforma-brasil-conep>

exemplo de um TCLE para uma pesquisa que realizou entrevistas e que foi apreciado e aprovado no sistema CEP/Conep através da plataforma Brasil:

Durante sua participação pode ocorrer um possível desconforto ou ansiedade relacionada ao processo de resposta das perguntas, em que pode vir à tona, por exemplo, memórias traumáticas. Para minimizar esses riscos, utilizaremos códigos para manter preservada a sua identidade; realizaremos a entrevista de maneira tranquila, atenciosa e calma em que você poderá realizar pausas caso julgue necessárias e recusar a responder às perguntas caso haja incômodo/desconforto de qualquer natureza. A entrevista será realizada em local reservado, ou onde o/a senhor/a se sentir confortável e segura, privilegiando os espaços públicos, tais como parques, ruas e praças. Sempre respeitando as questões éticas necessárias nas entrevistas. O encontro para a entrevista, terá a presença unicamente da pesquisadora e da participante. Garantimos o sigilo e a confidencialidade das informações que o/a senhor/a fornecer e a sua privacidade na pesquisa, quanto a isso, seremos cuidadosas na análise e descrição de resultados preservando a sua identidade. Antes do início da entrevista, o TCLE será lido na íntegra para que a senhora tenha ciência do estudo, de sua participação, bem como das perguntas e dos riscos da pesquisa ou para esclarecer quaisquer dúvidas. Só depois de sua autorização é que a entrevista será iniciada. Esse Termo será assinado em duas vias... (Certificado de Apresentação de Apreciação Ética nº 68275923.6.00, Melo, 2024, p. 142).

Ou seja, no Termo, o/a pesquisador/a responsável deve fornecer informações ao/à participante sobre a pesquisa e garantir que sua participação seja autonomamente decidida, com ciência sobre a natureza, objetivos e métodos da pesquisa. Destaca-se ainda a exposição dos riscos da pesquisa e as formas de mitigá-los, bem como os benefícios da participação na pesquisa também precisam ser explicitados, e que o esclarecimento e anuência devem ser registrados.¹⁰

No caso do uso da entrevista, foco deste artigo, a aplicação do TCLE nos termos definidos pela resolução traz uma série de problemas para as Ciências Sociais. Isto porque apresentar a natureza e os objetivos da pesquisa significa partilhar uma definição de objeto que, como já foi apontado pelo próprio Durkheim (1995), com frequência trata-se de um objeto provisório de pesquisa, dado que este vai se delineando ao longo da investigação. No caso das ciências sociais, é bastante usual que a realização da pesquisa de campo traga novas perspectivas sobre o objeto inicialmente proposto, levando muitas vezes a uma revisão parcial do problema de pesquisa e dos objetivos estipulados no projeto original e, mais raramente, em significativas alterações.¹¹ No caso das entrevistas, se há alterações nas hipóteses que levam o/a pesquisador/a a realizar um novo cotejamento ao roteiro, ele deve ser ajustado junto ao Comitê de ética e pesquisa da Universidade na qual a pesquisa se desenvolve.

Além disso, há também que se considerar que no caso de uma entrevista, estamos diante de uma relação intersubjetiva, na qual o consentimento fica sendo atualizado a cada pergunta, na medida em que a pessoa entrevistada, aceita narrar sua história, suas vivências e sentimentos, e este aceite não pode ser reduzido a uma assinatura: “decidir a maneira de tratar no ato da relação à proteção às memórias e às emoções mais íntimas, a privacidade dos participantes, requer, portanto, uma vigilância permanente, um exercício ético baseado na empatia e na reflexividade constantes” (Alves e Teixeira, 2020, p. 15).

Em tese, a assinatura do TCLE só será possível se o/a pesquisador/a estabelecer de fato uma relação de confiança com o/a entrevistado/a. No entanto, há questionamentos importantes sobre o conteúdo deste documento, principalmente no que se refere aos riscos da pesquisa que

¹⁰ De acordo com o artigo 15º, seção 2, do capítulo 3, a Resolução estipula: “O Registro do Consentimento e do Assentimento é o meio pelo qual é explicitado o consentimento livre e esclarecido do participante ou de seu responsável legal, sob a forma escrita, sonora, imagética, ou em outras formas que atendam às características da pesquisa e dos participantes, devendo conter informações em linguagem clara e de fácil entendimento para o suficiente esclarecimento sobre a pesquisa” (Resolução 510, de 2016).

¹¹ O texto clássico de Merton (1970) sobre o papel da serendipidade para a pesquisa sociológica traz contribuições importantes para este debate.

devem ser expressos nele. Em Ciências Sociais há de se considerar que “a relação de pesquisa como prática de escuta e reelaboração da trajetória pode produzir efeitos intersubjetivos e subjetivos não previstos inicialmente, como a desnaturalização de determinadas condições objetivas dos sujeitos” (Alves e Teixeira, 2020, p. 14).

A resolução CNS 510/2016, estabelece que deve haver, por parte de quem pesquisa, um compromisso “de propiciar assistência a eventuais danos materiais e imateriais, decorrentes da participação na pesquisa, conforme o caso sempre e enquanto necessário” (Conselho Nacional de saúde, 2016, art. 2º Inc. X), e a mesma resolução define que a assistência ao participante da pesquisa seria “aquela prestada para atender danos imateriais decorrentes, direta ou indiretamente, da pesquisa” (Conselho Nacional de saúde, 2016, art. 1º Inc. II). No caso das entrevistas, conduzidas em torno de projetos e experiências migratórias, não podemos negar que tais aspectos envolvem frequentemente eventos biográficos de rupturas, que podem ser mais ou menos exigentes emocional ou psiquicamente, mas quase nunca são triviais. Neste sentido, cabe explicitar a dificuldade em estimarmos os riscos ou os benefícios que uma situação de entrevista poderá trazer para uma pessoa migrante,¹² o que implica em uma postura atenta e cuidadosa por parte de quem entrevista, antes, depois ou mesmo sem assinatura de um termo, pois

À medida que alguém conta sua história, tem a possibilidade de revisitar momentos vividos, com suas alegrias, dificuldades e sentimentos, podendo perceber nuances sobre suas experiências que ainda não lhe estavam claras e que ganham novos contornos. É um momento em que pode, portanto, mobilizar afetos, engendrando vivências de ansiedade... (Sionek, Assis e Freitas, 2020, p. 3).

Para Alves e Teixeira (2020), outro aspecto ético relevante, a “transparência” constitui-se em um desafio em aberto, considerando que a construção de vínculo acompanha todo o processo de pesquisa (até a divulgação dos resultados e devolutivas, quando existem), e não apenas o momento da entrevista.

É por entender que o compromisso ético vai muito além da assinatura de um termo, sobretudo em casos de pesquisas com população em situação de vulnerabilização, tais como migrantes indocumentados ou analfabetos, que se tem com frequência a adoção da chamada “recusa reflexiva” (Duarte, 2004). Assim, o/a pesquisador/a deixa de utilizar o TCLE de forma deliberada e ativa, por entender que a burocratização e judicialização da regulamentação¹³ não são as únicas formas de assegurar uma conduta ética na pesquisa. A crítica se dá por entender que este dispositivo regulatório não apenas é insuficiente para o atendimento dos princípios éticos em jogo, mas porque sua adoção pode implicar em maiores dificuldades para a pesquisa, já que a assinatura de um termo com dados pessoais pode afastar o/a potencial entrevistado/a da pesquisa.

Todavia, apesar das críticas endereçadas à normatividade ética que, em grande medida, foi transplantada das pesquisas na área da saúde para as Ciências Sociais, cada vez mais se faz necessário que os/as pesquisadores/as submetam seus projetos à avaliação dos comitês de ética de suas instituições. O efeito mais imediato é pôr em discussão a prática dos/as pesquisadores/as.

Para além destes aspectos formais, um ponto de suma importância quando se fala sobre o uso da entrevista refere-se à forma como ela será conduzida. Se as entrevistas possuem o objetivo de acessar e conhecer as experiências e as perspectivas dos agentes sociais sobre o fenômeno pesquisado, o sucesso dela depende, portanto, de uma efetiva colaboração do/a entrevistado/a.

¹² Em nossas pesquisas de campos (Maciel, 2018; Almeida, 2021) vivenciamos situações bastante delicadas, nas quais houve manifestações emocionais intensas como choros e narrativas de dores e sofrimentos e, não podemos negar, que não temos respostas prontas e fáceis de como lidar com estes eventos. Ao mesmo tempo, há situações de entrevistas que são aproveitadas pelos/as entrevistados/as, como espaços nos quais suas vivências são valorizadas e, portanto, sentem os agradáveis efeitos de serem reconhecidos e respeitados (Lechner, 2009).

¹³ Sobre tais questões, há uma reflexão feita por Peixoto (2017) bastante interessante ao argumentar que estamos a viver “a sociedade do consentimento”, manifestando uma das facetas desta era, cujas normas éticas precisam ser constantemente explicitadas e burocraticamente operacionalizadas.

Isso significa que para que haja co-elaboração, há a necessidade de se estabelecer, ainda que de forma fictícia, uma relação dialógica e equitativa. Saber “como” fazer “o outro falar” e ter condições de avaliar durante a entrevista, se estamos, ou não, a ter êxito, significa de alguma forma, colocar em prática e, ao mesmo tempo refletir sobre isso, o nosso conhecimento sobre a vida social. Como apontam Benney e Hughes (1956), aprender sobre a entrevista e sobre entrevistar, é aprender sobre sociologia e conhecimento sociológico, em outras palavras, o que se aprende sobre a sociedade e a interação social é utilizado para obter novos conhecimentos.

A “arte de fazer falar o outro” (Poupart, 2010) depende então de convencermos o/a entrevistado/a da importância de sua colaboração, provendo a negociação de um aceite que vai muito além da assinatura de um termo. É preciso que se estabeleça uma relação de confiança e de respeito. Por isso, é recomendado que o momento e o local da entrevista sejam sempre definidos em função do que for mais conveniente para o/a entrevistado/a. As formas de registro (anotações, áudio ou vídeo) também devem ser negociadas e acordadas, mas, como aponta Poupart, é recomendável que os instrumentos de registro fiquem em segundo plano durante a entrevista.

O maior protagonismo do/a entrevistado/a na produção de seu relato pode ser interessante, e é particularmente relevante no início, para que o/a entrevistado/a sintam-se acolhido/a e seguro/a e possa então se sentir mais confortável para falar “francamente”.

No caso das entrevistas semiestruturadas, o/a pesquisador/a orienta-se por tópicos que considera importante e que deve abordar nas entrevistas, mas a ordem e a forma como as perguntas são colocadas varia sensivelmente, assim como fica aberta a possibilidade de explorar aspectos não previstos, mas que aparecem nas falas dos/as entrevistados/as. As entrevistas não dirigidas são ainda mais abertas e, neste caso, a intervenção do/a entrevistador/a deve ser limitada ao máximo, manifestando-se apenas para que a entrevista não termine prematuramente (May, 2004).

As entrevistas mais abertas são muito úteis para as fases iniciais de investigação, isto é, para a inserção do/a pesquisador/a junto ao universo pesquisado, na qual se buscam informações e reconhecimento do terreno. As pesquisas biográficas e que se utilizam das histórias de vida tendem a usar com mais frequência estas formas não diretivas de entrevistas. Elas permitem aprofundar significativamente os fenômenos, contudo, não permitem comparações, dado que nem todos/as entrevistados/as abordam os mesmos temas ou questões.

Assim, até pelo intuito de buscar estas comparações ou para complementar informações produzidas pela observação participante, a maior parte das pesquisas tende a usar algum tipo de roteiro. E é neste sentido que passa a ser de fundamental importância pensar sobre o conteúdo e a forma das perguntas.

Aqui, há uma relação dialógica importante entre a teoria e a pesquisa de campo. Para que as entrevistas sirvam de fato para estruturar análises e elucidar os fenômenos investigados (Manzini, 2004), é preciso que o/a pesquisador/a tenha uma preparação que o habilite a saber “o que perguntar” e, simultaneamente, a identificar pontos ou aspectos não previstos, mas que valem ser incorporados e explorados pela pesquisa (Merton, 1970).

A questão de como fazer as perguntas foi bastante problematizada por Foody (1996). Conforme o autor argumenta, tanto na aplicação de questionários quanto na condução de entrevistas, há alguns problemas que colocam em suspensão a “validade” das respostas, como, por exemplo, a possibilidade de existir uma relação fraca entre o que se diz e o que se faz e, por isso, as informações sobre crenças e valores tendem a ser instáveis.

Sem desconsiderar os “riscos” de se tomar diretamente depoimentos orais como objeto e produto de pesquisa, contanto que se mantenha a postura vigilante em relação àquilo que se nomeou “a arte de fazer falar o outro”, estes riscos passam a ser incorporados e enfrentados durante a realização das entrevistas e depois no uso do material produzido a partir delas. Assim, parece-nos mais importante garantir uma relação dialógica e equitativa com o/a entrevistado/a. Isso significa ter extrema atenção com o contexto cultural dele/a para que as questões possam ser respondidas e interpretadas com a máxima honestidade que o “jogo de cena” (Goffman, 1983), construído nesta interação, permite.

Dessa maneira, a inserção dos/as pesquisadores/as em campo será marcada por condicionante sociais, tais como gênero, raça e classe, além dos limites linguísticos entre migrantes e pesquisador/a, considerando que normalmente as investigações “com” ou “sobre” os/as migrantes são realizadas por pesquisadores/as cuja sociedade de origem pode ser a sociedade de destino deles/as. Partindo do desafio imposto pelo ato de entrevistar, a tarefa do pesquisador/a é então propiciar um ambiente acolhedor e confiável de escuta, saber como e quando colocar as questões e registrá-las.

Logo, para construir o ambiente relacional, as questões podem ser classificadas em perguntas iniciais, mais diretas e/ou narrativas, no estilo de uma “conversação”. Isso pode significar o início da conversa com perguntas do tipo “você poderia me contar quando foi que chegou aqui?” e, em seguida, o avanço para o aprofundamento das questões que envolveram a migração. Nesse contexto, podem se apresentar questões do nível mais subjetivo - por exemplo, “como se sentiu quando partiu?” - e questões de esclarecimento ou explicitação daquilo que foi dito, tais como “disse que a ajuda da sua amiga foi fundamental para sua vinda para cá, poderia me contar como foi que ela te ajudou”. No contexto da entrevista, deve-se manter atento/a às perguntas que induzem respostas. Normalmente são questões que escondem afirmações e direcionam a resposta da pergunta. Enfim, as especificidades de cada pesquisa, tendo em vista o objeto e os objetivos da investigação, indicam as possibilidades de roteiros e implicam em desafios próprios.

5. Entre a narrativa do migrante e a construção da análise sociológica

Se, como sugerido por Fernandes (1997), a produção de conhecimento sociológico “tem início quando o tratamento analítico dos dados permite passar das imagens sensíveis dos fenômenos para imagens unitárias ou analíticas de suas propriedades e das condições em que são produzidos” (Fernandes, 1997, p. 48), analisar as entrevistas é uma etapa demasiadamente importante na pesquisa social e na produção de conhecimento com migrantes.

No entanto, de acordo com Demazière e Dubar (2007), a entrevista quase sempre é analisada pelos/as migrantólogos/as de maneira fragmentada e, muitas vezes, apresentada ao/à leitor/a de forma a ilustrar as ações sociais dos sujeitos na trajetória migratória; trata-se de exemplificar aquilo já posto na teoria e em estudos anteriores e/ou compreender processos com a expectativa de remodelar conceitos e apresentar ao leitor o sentido das ações sociais dos migrantes.

Inspirando-se nas contribuições de Demazière e Dubar (2007) sobre a análise de entrevistas biográficas, temos sugestões de que os/as migrantólogos/as têm se utilizado de diferentes tradições analíticas: 1) análise de conteúdo, (Bardin, 1977); 2) análise compreensiva (Sayad, 2007); 3) análise reconstrutiva (Demazière e Dubar, 2007); e 4) análise por campo temático (Rosenthal, 2014).

Laurence Bardin (1977), a partir do debate das mídias e seus conteúdos, apresenta um importante estudo sobre as técnicas de organização e de análise de conteúdo que influenciaram diretamente na análise das entrevistas por sociólogos/as. A sua proposta demanda rigor na organização dos dados da entrevista por meio de sua codificação e categorização, com a finalidade de realizar inferências interpretativas. Essa recomendação se aproxima bastante daquilo que Barney Glaser e Anselm Strauss (1967) fizeram na perspectiva da *Grounded theory*. A construção da teoria, no âmbito da ciência, exige um rigor metodológico capaz de detectar os vieses, desenvolvendo argumentações que tenham *fundamento, densidade, sensibilidade e a integração* necessárias para fundamentar um contributo teórico (Strauss e Corbin, 1990).

Em sua proposta, realizada no âmbito do grupo de Pierre Bourdieu e publicada no livro *Miséria do Mundo*, Sayad (2007) expõe a possibilidade de um olhar compreensivo sobre a entrevista com migrantes a fim de entender os conflitos emergentes no processo de acolhimento pela sociedade receptora, reservando as particularidades da construção de realidade de cada sujeito entrevistado.

A maneira pela qual a entrevista é apresentada por Sayad (2007) não comporta o agrupamento de informação, nem codificação objetivista, pois o autor lança ao/à leitor/a também

a responsabilidade interpretativa/compreensiva. Essa concepção é diferente da perspectiva da *Gestalt* – em que há uma estrutura naquilo que é narrado – e da fenomenologia para compor a interpretação das entrevistas, mostrando a dialética entre vivenciar, lembrar e narrar. Na perspectiva da autora, os migrantes se esforçam para construir uma narrativa comprobatória. Assim, o posicionamento é que “nem toda narração de uma vivência feita pela própria pessoa se baseia num processo de recordação” (Rosenthal, 2014, p. 230), pois durante a narração partes essenciais da vivência passada podem ser omitidas e outras recriadas, em um jogo interativo entre o nível da história de vida narrada e vivenciada.

Os/as migrantólogos/as, nesse sentido, lidam com suposições sobre o passado dos/as entrevistados/as organizando-as em uma análise sequencial dos dados objetivos ou biográficos, construção que pode não ter muita relação com a forma com que o/a entrevistado/a se autoapresenta. É de responsabilidade também do/a pesquisador/a realizar uma análise dos campos temáticos sugeridos no contexto do tema estudado. Dentre os problemas sugeridos pela autora, a questão mais polêmica seria a postura de descrédito que assume, em alguns momentos, enquanto analista das entrevistas com migrantes.

Diferentes dos autores referenciados acima e até mesmo assumindo uma postura crítica a eles, Demazière e Dubar (2007) defendem que a função do analista das entrevistas é fazer um desvio semântico destinado a construir as estruturas de significações das falas dos sujeitos, pois, concatenar os sentidos manifestos a partir das entrevistas transcritas não é suficiente para reconstruir o universo de crenças dos/as entrevistados/as que se exprimem através das entrevistas. A fala dos/as migrantes, nessa perspectiva, não deve ser tratada como uma fonte de informação, ou reservatório de opiniões e anedotas, uma vez que eles/elas são apreendidos pelo/a pesquisador/a como sujeitos que exprimem, mediante um diálogo marcado pela confiança, suas experiências, suas convicções e seus pontos de vista sobre as situações vividas.

Nesse caso, o conteúdo é restrito às mensagens e ao seu significado, apreendido e categorizado como sendo “único”, além de ser recuperado e fechado em temas. Isso é feito de forma a permitir a comparação entre as diversas entrevistas realizadas; o trabalho de campo que viabilizou um arsenal de informações perde, em parte, sua amplitude ao ser recortado, fragmentando as percepções das pessoas sobre os processos sociais estudados.

Bertaux (2013) e Demazière e Dubar (2007) criticam as posturas analíticas derivadas da técnica da análise de conteúdo proposta por Bardin (1977) e argumentam que, ao construir categorias organizadoras das situações expostas pelos/as entrevistados/as, há uma perda de qualidade daquilo que foi narrado ou dito. Em geral, a fala das pessoas é fragmentada em função do trabalho de categorização do pesquisador e apresentada de forma descontextualizada, de maneira independente da narrativa formulada pelo/a agente social, não respeitando a estrutura lógica dada por ele/ela. Ao contrário, a fala dos/das migrantes deve ser tratada como um reflexo de posições e atitudes pré-existentes, não sendo independente dos contextos.

No entanto, considerando todas as posturas analíticas, é necessário esclarecer que o que as une é a dificuldade de lidar com a reconstrução/trabalho da memória no momento da realização da entrevista. Os discursos sobre a realidade social não podem ser tomados como “puros” ou livres de ruídos, porque são produzidos por determinados agentes em contextos específicos. Mesmo considerando que a memória age de forma seletiva, orientando a construção dos sentidos das narrativas, os pontos de vista interpretativos que os/as migrantes possuem de suas próprias vidas, e como eles/as articulam o passado, presente e futuro, constituem-se em substratos valiosos que fornecem aos/às pesquisadores/as construções ideológicas e ficcionais significativas dos processos vividos. São, desta maneira, importantes para a compreensão das trajetórias de vidas destes agentes nos territórios materiais e simbólicos da migração.

6. Considerações finais

A entrevista apresenta-se como um poderoso instrumento de pesquisa, na medida em que permite acessar a experiência vivida pelos agentes sociais desde suas próprias perspectivas, que se objetiva em suas narrativas. Isso permite aos/às pesquisadores/as conhecerem os sentidos subjetivos e as possibilidades objetivas que os/as agentes experimentam e encontram para

conceber e realizar projetos de migração. Contudo, não podemos ignorar que tais elaborações, subjetivas e discursivas, carregam invariavelmente desafios e problemas que precisam ser enfrentados de forma “vigilante” pelo cientista social (Bourdieu, Chamboredon e Passeron, 1999).

No entanto, a busca por um possível universo mais ou menos comum a todos os indivíduos é o mais importante achado dentro desse tipo de perspectiva. Quanto às entrevistas e suas potencialidades analíticas, entendemos que seu uso não se resume a uma apreciação linguística simples e pura, mas se relaciona a uma abordagem sociológica capaz de colocar no centro do debate as formas de nomeação e de categorização da vida social, bem como das relações de poder que atravessam a forças de produção de hegemonia política e de legitimidade dos saberes.

Desta forma, tomando como base a discussão que se apresenta nesse artigo, centrada no entendimento de que “a realidade concreta é inexaurível e, tal como ela se oferece imediatamente ao observador, caótica e obscura” (Fernandes, 1997, p. 53), parece-nos pertinente afirmar que a busca pelo registro da complexidade das formas de apresentação social orienta as iniciativas da produção de dados empíricos por meio das entrevistas qualitativas.

Por fim, em defesa do uso das entrevistas na produção científica, podemos adicionar que elas são um importante instrumento para a recuperação de questões sociais atuais. Como exposto por Fernandes (1997), “o importante, parece, não é o que se ‘vê’, mas o que se observa com método” (p. 48). Assim, parece-nos que as entrevistas permitem a produção de uma sociologia também comprometida com a explicitação das desigualdades sociais de diferentes ordens, tais como classe, gênero e raça, que marcam os processos e jornadas migratórias. Trata-se de desigualdades e, simultaneamente, diversidade de perspectivas e de experiências sociais que ficam ocultas quando tomamos exclusivamente os números e os fluxos migratórios.

7. Referências

- ALMEIDA, G. M. R. (2021). *Au revoir Brésil. Um estudo sobre a imigração brasileira na França no século XXI*. Paco.
- ALVES, D. A. e TEIXEIRA, W. (2020). Milagres. Ética em pesquisa em ciências sociais: regulamentação, prática científica e controvérsias. *Educação e Pesquisa*, 46, 1-20. <http://dx.doi.org/10.1590/S1678-4634202046217376>
- ASSIS, G. (1999). Estar Aqui, Estar Lá ...uma cartografia da emigração valadarensense para os EUA. In R. Reis y T. Sales (Orgs.), *Cenas do Brasil migrante* (pp. 125-166). Boitempo.
- BARBOT, J. (2015). Conduzir uma entrevista face a face. In S. Paugam (Coord.), *Pesquisa sociológica* (pp. 102-123). Vozes.
- BARBETTA, P. A. (2008). *Estatística aplicada às ciências sociais*. UFSC.
- BARDIN, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Edições 70.
- BEAUD, S. (1996). L'usage de l'entretien en sciences sociales. Plaidoyer pour l'entretien ethnographique. *Politix*, 9 (35), 226-257.
- BECKER, H. (1993). Sobre metodologia. In H. Becker, *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais* (pp. 17-45). HUCITEC.
- BENNEY, M. & HUGHES, E. (1956). Of Sociology and the Interview. *American Journal of Sociology*, 62 (2), 137-142.
- BERGER, P. & LUCKMANN, T. (2003). Os fundamentos do conhecimento na vida cotidiana. In P. Berger & T. Luckmann, T., *A construção social da realidade* (pp. 35-68). Vozes.
- BERTAUX, D. (2013). *Le récit de vie*. Armand Colin.
- BLANCHET, A. (2015). *Dire et faire dire: l'entretien*. Armand Colin.
- BOURDIEU, P. (1993). *La misère du monde*. Édition du Seuil.
- BOURDIEU, P. (1996). A ilusão biográfica. In J. Amado y M. M. Ferreira (Orgs.). *Usos e abusos da história oral* (pp. 183-191). FGV.
- BOURDIEU, P. (1998). Prefácio. In A. Sayad, *A imigração: ou os paradoxos da alteridade* (pp. 9-12). EDUSP.
- BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J.C. e PASSERON, J. C. (1999). Epistemologia e metodologia. In P. Bourdieu, J.C. Chamboredon & J.C. Passeron (Comps.) *Ofício de sociólogo* (pp. 9-22). Vozes.
- DEMAZIÈRE, D. e DUBAR, C. (2007). *Analyser les entretiens biographiques, l'exemple de récits d'insertions*. Les presses de l'université Laval.
- CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (2016). *Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais* (Resolução Nº 510, 7 abril 2016). https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html
- DEMÉTRIO, N. B.; BAENINGER, R.; DOMENICONI, J. O. S. e ROVERE, S. D. (2020). Políticas públicas e migração internacional: a experiência de Campinas/SP e o diálogo com a universidade. *Revista internacional de extensão da UNICAMP*, 1 (1), 31-37. <https://doi.org/10.20396/ijocce.v1i1.13882>
- DUARTE, L. F. D. (2004). Ética de pesquisa e “correção política” em Antropologia. In V. Ceres, R.G. Oliven, M.E. Maciel e A. P. Oro (Org.), *Antropologia e ética: o debate atual no Brasil* (pp. 125-130). EdUFF.
- DUARTE, L. F. D. (2015). A ética em pesquisa nas ciências humanas e o imperialismo bioético no Brasil. *Revista Brasileira de Sociologia*, 3(5), 31-52. <https://doi.org/10.20336/rbs.90>
- DURHAM, E. (1973). *A caminho da Cidade*. Perspectiva.
- DURKHEIM, É. (1995). *As regras do método sociológico*. Martins Fontes.

- FERNANDES, F. (1997). A reconstrução da realidade nas Ciências Sociais. *Revista Mediações*, 2 (1), 47-56. <https://doi.org/10.5433/2176-6665.1997v2n1p47>
- FERNANDES, D. & BAENINGER, R. (coord.) (2020). *Impactos da pandemia de Covid-19 nas migrações internacionais no Brasil - Resultados de Pesquisa*. Nepo/Unicamp.
- FOODY, W. (1996). *Como perguntar*. Celta.
- GARCIA JR., A. (1989). *O Sul: caminho do roçado. Estratégias de reprodução camponesa e transformação social*. UNB e MCT – Cnpq.
- GEERTZ, C. (1978). *A interpretação das culturas*. Zahar.
- GLASER, B. & STRAUSS, A. (1967). *The discovery of grounded theory*. Aldene de Gruyter.
- GOFFMAN, E. (1983). *A representação do eu na vida cotidiana*. Vozes.
- GROSFUGUEL, R. (2013). Racismo/sexismo epistêmico, universidades ocidentalizadas y los cuatro genocidios/epistemicidios del largo siglo XVI. *Tabula Rasa*, (19), 31-58.
- GUERREIRO, I. C. Z. e MINAYO, M. C. S. (2013). O desafio de revisar aspectos éticos das pesquisas em ciências sociais e humanas: a necessidade de diretrizes específicas. *Physis: Revista De Saúde Coletiva*, 23 (3), 763–782. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312013000300006>
- KAPP, S. (2020). Entrevistas na pesquisa sócio-espacial. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, 22, 1-32. <https://doi.org/10.22296/2317-1529.rbeur.202006>
- KNOWLES, C. (2017). *Nas trilhas de um chinelo. Uma jornada pelas vias secundárias da globalização*. Annablume.
- LECHNER, E. (2009). Migração, pesquisa biográfica e emancipação social: Contributo para a análise dos impactos da pesquisa biográfica junto de migrantes. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, (85), 43-64. <https://doi.org/10.4000/rccs.336>
- MACIEL, L. (2018). *Entre o rural e o urbano. Migração de trabalhadores rurais do alto-médio canindé piauiense para a região central do estado de São Paulo*. Paco.
- MACIEL, L. y ALMEIDA, G. M. R. (2018). As potencialidades da perspectiva qualitativa nas pesquisas sobre as identidades sociais e os projetos de mobilidade. *TRAVESSIA - Revista Do Migrante*, 32(86), 121–138. <https://doi.org/10.48213/travessia.i86.933>
- MAGALHÃES, V. B. (2019). A História Oral nos estudos das migrações do Nordeste para o Sudeste: relato de pesquisa. *Cadernos CERU*, 30(1), 293-320. <https://doi.org/10.11606/issn.2595-2536.v30i1p293-320>
- MAGALHÃES, V. B. e SANTHIAGO, R. (2015). Japoneses, brasileiros e judeus: a História oral nos estudos de imigração no Brasil. *Tempos Históricos*, 19 (1), 481-510. <https://doi.org/10.36449/rth.v19i1.11804>
- MANZINI, E. J. (2004). Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. In *Seminário Internacional sobre Pesquisa e Estudos Qualitativos*, Universidade do Sagrado Coração, Bauru, Brasil.
- MAY, T. (2004). *Pesquisa social: questões, métodos e processos*. Artmed.
- MELO, T. M. (2024). *Trajetórias identitárias femininas em situação de rua: um estudo de caso de São José dos Campos – SP [Dissertação de Mestrado]*. Maestría em Planejamento Urbano e Regional, Universidade do Vale do Paraíba.
- MENEZES, M. A. (2002). *Redes e enredos nas trilhas dos migrantes. Um estudo de famílias de camponeses-migrantes*. Relumé Dumará/EDUFPB.
- MERTON, R. K. (1970). Influência da pesquisa empírica sobre a teoria sociológica. In R. K. Merton, *Sociologia: Teoria e Estrutura* (pp. 153-187). Mestre Jou.
- MORIN, E. (1966). L'interview dans les sciences sociales et à la radio-télévision. *Communications*, (7), 59-73.

- NOLASCO, C. (2015). “Eu vim para Portugal...” narrativas de subjetividade migratória. In E. Lechner (Org.). *Rostos, vozes e silêncios: uma pesquisa biográfica colaborativa com imigrantes em Portugal* (pp. 123-140). Almedina.
- OLIVEIRA, L. R. C. (2004). Pesquisa em versus pesquisas com seres humanos. In V. Ceres, R.G. Oliven, M.E. Maciel e A. P. Oro (Orgs.), *Antropologia e ética: o debate atual no Brasil* (pp. 33-44). UFF/ABA.
- PEIXOTO, P. (2017). Ética e regulação da pesquisa nas Ciências Sociais na sociedade do consentimento. *Educação*, 40 (2), 150-159. <https://doi.org/10.15448/1981-2582.2017.2.27005>
- PIRES, Á. (2010). Amostragem e pesquisa qualitativa: ensaio teórico e metodológico. In: J. Poupert, J. et al. (Org.) *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos* (pp. 154-211). Vozes.
- POUPART, J. (2010). A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In Poupert, J. et al. (Org.) *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos* (pp. 215-251). Vozes.
- ROSENTHAL, G. (2014). História de vida vivenciada e história de vida narrada. A interrelação entre experiências, recordar e narrar. *Civitas*, 14 (2), 227-249. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2014.2.17116>
- SALES, T. (1999). *Brasileiros longe de casa*. Cortez.
- SALLES, M. R. e ARAÚJO, J. R. (1999). Abdelmalek Sayad, um “escrivão público”. *Revista USP*, (41), 224-230.
- SAYAD, A. (1998). *A imigração: ou os paradoxos da alteridade*. EDUSP.
- SAYAD, A. (2007). Uma família deslocada. In P. Bourdieu, *A miséria do mundo* (pp. 35-52). Vozes.
- SCHUTZ, A. (1979). Ação no mundo da vida. In H.R. Wagner (Org.) *Fenomenologia e relações sociais* (pp. 121-156). Jorge Zahar.
- SILVA, M. A. M. (1999). *Errantes do fim do século*. UNESP.
- SIONEK, L.; ASSIS, D. T. M. e FREITAS, J. L. (2020). “Se eu soubesse, não teria vindo”: implicações e desafios da entrevista qualitativa. *Psicologia em Estudo*, 25, <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v25i0.44987>
- STRAUSS, A. & CORBIN, J. (1990). *Basics of qualitative research*. Sage Publications.
- THOMAS, W. I. & ZNANIECKI, F. (1974). *The Polish Peasant in Europe and America*. Octagon Books.
- VINUTO, J. (2014). Amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, 22 (44), 203-220. <https://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977>
- WEBER, M. (1991). *Economia e Sociedade*. EdUnB.

Autoras.

Gisele Maria Ribeiro de Almeida

Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense, Brasil.

Doutora em Sociologia pelo Programa de Pós Graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Professora do departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense.

E-mail: giselealmeida@id.uff.br

Lidiane Maciel

Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento da Universidade do Vale do Paraíba, Brasil.

Doutora em Sociologia pelo Programa de Pós Graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Coordenadora do Núcleo de Extensão Pesquisa-ação e Cartografias Sociais da Universidade do Vale do Paraíba e professora do Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade do Vale do Paraíba.

E-mail: lidiane@univap.br

Citado.

RIBEIRO DE ALMEIDA, Gisele Maria e MACIEL, Lidiane (2026). O uso das entrevistas nos estudos migratórios: um debate epistemológico e prático. *Revista Latinoamericana de Metodología de la Investigación Social*, 16 (31), 76-92.

Plazos.

Recibido: 06/11/2023. Aceptado: 25/06/2024.